

LITERATURA INFANTIL: LITERATURA DE PRAZER

Dante TRINGALI*

A Literatura, em geral, é uma atividade de prazer e isso se aplica, em particular, à Literatura Infantil.

A prova desta verdade se encontra na própria definição da Literatura. Como todas as belas artes, ela se define como expressão do belo. Não se pode descartar o conceito de belo, na definição das artes. Ora, o belo, segundo uma longa tradição da Estética que culmina em Kant, na definição das artes. Ora, o belo, segundo uma longa tradição da Estética que culmina em Kant, na *Crítica do Gosto*, é o que agrada, o que causa um prazer desinteressado de contemplação, não de posse. Arte é o produto de um fazer que desperta uma emoção gratuita de satisfação. A arte é, por sua natureza, algo de muito prazenteiro.

Acrescente-se que se caracteriza ainda a arte e a literatura, com ela, como uma atividade lúdica, o que se constitui em uma nova razão de prazer. Huizinga, em seu livro *Homo Ludens*, demonstrou o papel do jogo em toda cultura e, de modo especial, na arte.

A literatura, como toda arte, realiza-se não apenas como um jogo, mas como um brinquedo. É brinquedo na medida em que não segue regras prévias, pois as regras surgem ao brincar. É jogo na medida em que obedece a regras que, todavia, se podem mudar a qualquer momento. Os gênios

* Docente do Programa de Pós-Graduação

inventores brincam, os demais seguem-lhe os modelos, jogam.

Evidentemente que o caráter de jogo e brinquedo se acentua na Literatura Infantil. Mas não é estranho à literatura do adulto que, apesar da seriedade, não perde a feição lúdica. Tornamo-nos criança, de novo, no convívio com a arte.

A literatura, como demonstrou Aristóteles, na *Poética*, acontece no mundo do possível, mas do possível crível, onde há lugar para o absurdo convincente, para as incoerências coerentes. Com efeito, o maravilhoso domina todas as artes, mesmo as realistas. A arte é sempre ficção, uma criação livre do espírito, num jogo livre, num brinquedo entre a fantasia e o entendimento, gerando um mundo de "faz- de- conta", de "mentirinha", mas não de mentira, porque a arte nem é verdadeira, nem falsa. O artista é um fingidor e fingir é a essência do brinquedo. Brinca quem escreve, brinca quem lê literatura.

Quem mais acentuou o traço de prazer que impregna a arte foi Barthes, em seu livro *O Prazer do Texto*, onde estabelece que a literatura é uma atividade de prazer e de dois tipos principais de prazer que ocorrem na História da Literatura e das Artes.

Há, segundo ele, textos de prazer e textos que chama, em francês, de textos de "jouissance" que se traduz como textos de fruição e, de modo mais expressivo, como textos de "curtição".

O texto de prazer é o texto que gera um contentamento, um conforto imediato, fácil e se lê num ritmo variável, ora mais lentamente, ora mais rapidamente, saltando trechos, como quem devora, ávido de descobrir o que vai acontecer. Com essa emotividade e euforia, os adolescentes lêem a obra de Júlio Verne, de um fôlego.

Texto de curtição (um outro tipo de prazer, mas sempre prazer) lê-se atentamente, lentamente, sem perder nada, saboreando mais a expressão que o conteúdo. A linguagem chama mais a atenção por

seus artifícios que a história. Assim se usufrui a leitura de um Joyce.

O prazer do texto domina a literatura tradicional, o texto de curtição domina a literatura modernista.

O problema reside no confronto dessas duas categorias com a Literatura Infantil.

Note-se que não há antagonismo entre literatura de prazer e de curtição, elas não se negam, não se excluem, mas se complementam, revelando aspectos diversos do belo.

No entanto, aqui se encontra uma linha de divergência entre Literatura Infantil e literatura de adulto. Esta última compreende tanto o texto de prazer, como o de curtição, dependendo da formação do receptor. É uma questão de gosto. A Literatura Infantil, ao invés, se concentra nos textos de prazer. Não é fácil imaginar-se um Kafka ou um Guimarães Rosa para crianças! Não obstante, cabe ao escritor e ao educador prepará-las para saborear artifícios estilísticos e outros refinamentos dos textos de curtição.

Fica claro que a Literatura Infantil de distingue por uma carga mais intensa de prazer. É a Literatura de prazer por excelência. Mais do que no adulto, na criança domina a "lei do prazer" sobre a "lei da realidade". É verdade que, desde cedo, a criança começa a ser recalçada e reprimida. Mas essa mesma pressão castradora em vez de diminuir o prazer da Literatura Infantil, encontra novos caminhos de se intensificar. A Literatura tem o mesmo mecanismo do sonho, é uma forma de realização de desejos. O texto infantil se torna objeto de desejo por parte da criança, permitindo-lhe uma volta, de algum modo, ao paraíso do útero materno.

Entretanto para que não se turve o prazer da Literatura Infantil importa que o texto seja recebido como literatura, e que seja respeitada a intencionalidade literária. Um texto literário quer ser literário e não outra coisa. Se não acontece isso, o texto pode causar desprazer à

criança. Não se lê história como se fosse História. Não se toma uma ficção por realidade. A criança necessita de ter consciência de que se envolve com literatura.

Ainda para que não se perca o prazer do texto, a criança tem de atinar com o verdadeiro efeito de cada gênero literário. Cada gênero deve realizar sua "catarse", quer dizer, seu efeito específico.

Há duas espécies de catarse: uma freudiana e outra aristotélica. De acordo com a catarse freudiana, através da literatura que tem o mesmo mecanismo do sonho, realizam-se os desejos reprimidos. No momento, cuidamos da catarse aristotélica, segundo a qual, cada gênero literário exerce um efeito específico. Existe um efeito lírico, épico, cômico, dramático.

A criança não pode assistir à comédia como se fosse drama. Tem de perceber que a comédia mostra o ridículo, o risível, mas sem dor. De outro modo, uma criança sofreria ao assistir a uma comédia dos Três Patetas, se não captasse a convenção das violentas pancadas que se dão entre si? O próprio drama, uma história triste, não precisa despertar lágrimas verdadeiras e doídas, mas deve ser uma dor contemplada, não vivida. Importa que haja um "distanciamento" entre a criança, o sujeito, e o objeto, a história.

Pode-se, nesta altura, levantar a objeção que à Literatura Infantil não cabe apenas despertar prazer, mas que precisa ser útil. Deve agradar e ensinar. A Literatura Infantil, como qualquer literatura, tem de atingir objetivos estéticos e éticos. Ora, a preocupação de educar, através da Literatura Infantil, só será eficaz, se não sacrificar o prazer, elemento essencial da arte. A lição moral que, por acaso, se queira transmitir, se frustrará se for maçante. A história não se reduz a ser um mero pretexto para doutrinação, sobretudo para uma doutrinação ambígua, duvidosa.

Pelo fato da literatura ser, por sua natureza, uma atividade de prazer, isso nos leva a

postular que a Literatura Infantil não difere essencialmente da literatura de adulto senão em grau.

E pela primazia que o prazer tem na Literatura Infantil, somos tentados a supor que ela não é apenas um sub grupo da literatura geral. Pelo contrário, a Literatura Infantil é o núcleo básico ao redor do qual se forma toda literatura. Não é a Literatura Infantil que decorre da Literatura geral, mas esta é que decorre daquela. Antes de um Homero para adultos, teria havido um Homero para crianças. Historicamente, a Literatura Infantil funciona como a matriz da literatura, em geral. Através da literatura, o adulto retorna à infância. A arte é uma atividade lúdica de prazer. Ela nasce infantil e nunca deixa de ser infantil. No fundo, só existe uma única literatura, a infantil.

A seu modo, a literatura de curtição vem a ser apenas um jogo mais requintado. O simples prazer é a regra.

A linha de nossa reflexão nos leva a uma definição da Literatura Infantil como uma particular literatura de prazer, adequada à criança e que interessa à criança.